

TRANSFORMAÇÕES SUBJETIVAS EM MEIO À VIDA NA UNIVERSIDADE: CONSTRUINDO POSSIBILIDADES DE PENSAR UM APRENDER INVENTIVO

Lisandra Berni Osório

Resumo

Nosso objetivo é problematizar subjetivações em interface com o aprender que se circunscreve em meio à vida universitária. Para além de paradigmas da psicologia da aprendizagem, buscamos a temática do aprender sob o viés das Filosofias da Diferença, perpassando pela invenção. Encontramos na esteira deleuze-guattariana, a ideia de que o pensamento produz uma diferença quando coagido pelo encontro com os signos que o forçam a produzir outros modos de subjetivação. Partimos de um contexto educacional em transformação diante de diversidades sociodemográficas, face às novas formas de ingresso no ensino superior. Constatamos, entre 2012/2 e 2013/2, um aumento de 82% no não aproveitamento acadêmico de alunos bolsistas da Assistência Estudantil da Universidade Federal de Pelotas. Realizamos um estudo qualitativo que articula uma análise documental de 557 desses discentes, com o método cartográfico, visando acompanhar processos subjetivos. Os resultados nos indicaram que o baixo aproveitamento acadêmico relaciona-se menos com dificuldades cognitivas e mais com contingências do contexto acadêmico e singularidades, emergindo territórios existenciais em movimentos provisórios. Assim, os achados desta investigação reverbera a oportunidade de pensar outras práticas no campo da Educação.

Palavras-chave: Educação; Aprender inventivo; Subjetivação; Cartografia.

1 INTRODUÇÃO

Escrever sobre o aprender impulsiona nosso pensamento a novos territórios e o leva até instantes de ruídos que desnudam as palavras. Tornar-se viajante de linguagens que buscam asilo na garganta devasta a esperança de ser aprendiz em meio às multidões de movimentos que arrastam subjetividades que não cessam de se transformar em meio aos meandros da vida estudantil. Segundo Schérer (2005, p. 1183), “o aprender vai além do saber, esposando a vida toda”.

Com o propósito de afirmar um aprender inventivo e articulado com modos de subjetivação de um *corpus* de discentes universitários, este estudo busca, na multiplicidade e na singularidade do coletivo, agenciamentos com produções de sentidos que ensejem transformações de si e do mundo. Distancia-se da hegemonia dos paradigmas da psicologia da aprendizagem, das linearidades de uma epistemologia genética e generalidades de conceitos que intentem verdades absolutas.

Desde um olhar macro, vê-se que a educação superior no país encontrava-se em descompasso com as demandas da sociedade brasileira, conforme Censo de 2005, desencadeando políticas públicas de expansão e desenvolvimento (SANTIN; CUNHA, 2012), tais como o Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) e o Sistema de Seleção Unificada (SISU)¹. Dessa forma, a Universidade Federal de Pelotas, a qual configura *locus* desse estudo, foi uma das pioneiras ao implementar esses sistemas em 2008. Uma vez que tal fato deu-se no período de um ano, houve um crescimento desregulado entre as unidades acadêmicas. Somando-se às mudanças no ingresso ao ensino superior, também é perceptível a Lei de Cotas², que contempla políticas afirmativas que favorecem a inserção de alunos.

Ao aumento da população acadêmica, interpelam-se não apenas diversidades demográficas e socioculturais, mas circunscreve-se um estudante capturado por transformações contemporâneas no mundo e na educação, em que outros modos de subjetivação são emergentes. Por exemplo, expressões do si sob tais mudanças ecoam contingências, como formas de adaptação ao entrar na Universidade e que escorrem em enunciações de um coletivo porvir. Vemos, de modo empírico, um estudante que, vindo ou não de outro Estado do país, necessita afirmar sua existência no ambiente acadêmico, por meio de movimentos estudantis, de imersão em coletividades que lhe confirmam voz aos seus anseios ou aquilo que entende como uma rede de apoio e direitos.

Constatamos que, no período de 2012/2 a 2013/2, houve um aumento de 82% no índice de não aproveitamento acadêmico dos estudantes de graduação da Universidade mencionada, bolsistas³ da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE). Nesse sentido, de um universo aproximado de 3.000 discentes bolsistas, 500 em 2012/2, 700 em 2013/1 e 929 em 2013/2, obtiveram aproveitamento inferior ao esperado, conforme normas da Instituição. Isto é, seja por dificuldades de aprendizagem, seja por sofrimento psíquico e/ou outros motivos, não alcançaram o mínimo de 70%, adotado como um dos critérios de permanência nas referidas bolsas, condição entendida como indispensável para a continuidade de seus estudos.

¹ Consiste em um sistema informatizado em que instituições públicas de ensino ofertam vagas para candidatos participantes do Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), conforme MEC 2012.

² Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Obriga as universidades, institutos e centros federais a reservarem para candidatos cotistas (que cursaram os três anos do ensino médio em escola pública, EJA ou ENEM, pretos, pardos e índios, entre as vagas separadas pelo critério de renda), metade das vagas oferecidas anualmente.

³ A PRAE contempla as seguintes bolsas aos estudantes: Programa Auxílio Alimentação (PAA), Programa Auxílio Transporte (PAT), Casa do Estudante (CEU), Programa Auxílio Moradia (PAM), Programa Auxílio Instrumental Odontológico (PAIO), Programa Auxílio Deslocamento (PAD) e Programa Auxílio Pré-Escolar (PAPE).

Sobre crescente baixo aproveitamento acadêmico, perguntamos: como as subjetivações discentes vêm sendo produzidas em interface ao seu aprender em meio à vida universitária?

Nessa direção, delineamos a temática da investigação – a aprendizagem – quando vislumbramos que a mesma ganha dimensões existenciais no cotidiano contemporâneo dos alunos. Fundamentamos o aprender sob o viés das Filosofias da Diferença, considerando-o amalgamado aos processos que estão permanentemente produzindo subjetivações no contexto da Universidade, mas que, antes de tudo, alastra-se pela vida. Buscamos em Deleuze (2000; 2010), na gênese do ato de pensar no pensamento e na contingência do encontro daquilo que o força, a violência e a estranheza necessárias para uma aprendizagem produtora de sentidos. Concepção que adota o aprender como invenção de problemas em um pensamento sem imagem e não uma rasa solução de problemas pressupostos de uma imagem dogmática do pensamento ou de uma reconhecimento.

A invenção, portanto, não é um processo psicológico a mais, além da linguagem, da cognição, mas uma potência temporal de diferenciação que o perpassa. Kastrup (2005, p. 1275) nos fala que a aprendizagem inventiva é “criada a partir dos acoplamentos com as forças do mundo”; não segue a ordem de estruturas pré-existentes, tampouco se configura como fruto da ação de um aluno enquanto sujeito, pois este é o resultado do próprio percurso da criação.

Ultrapassando uma coleta de dados, o principal objetivo desta investigação desvela-se em “colher” modos de se constituir enquanto discente que deem pistas sobre subjetivações em ressonâncias com seus aprendizados. Adotamos a concepção de subjetividade em Guattari (2012, p. 19), a qual remete ao “conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posições de emergir como território existencial [...]”, junto a um *socius*, em intensidades intersubjetivas. Para o autor, os modos subjetivos são produzidos a partir da captura de elementos no tecido social, acolhendo e emitindo multiplicidades, mantendo-se abertos e fazendo dessas interações uma construção coletiva viva. Dessa maneira os processos de subjetivação são construídos não como o resultado da soma de subjetividades individuais, mas no confronto com as matérias em meio às experimentações (GUATTARI; ROLNIK, 2013).

Nessa perspectiva, elegemos o método cartográfico de pesquisa-intervenção, o qual perpassa pela processualidade dos acontecimentos, e não na representação de objetos, acessando a experiência e desenhando uma rede de forças que estão a produzir subjetivações, permanentemente (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2014). Modulações afetivas e intensidades do presente ganham espessura processual, podendo trazer algo novo nas franjas

dos territórios existenciais, sem incorrer em interpretações que intentem conclusões homogêneas. Sobretudo com o sentido de que “a pesquisa se faz em movimento, no acompanhamento de processos, que nos tocam, nos transformam e produzem mundos” (BARROS; KASTRUP, 2014, p. 73).

2 MÉTODO

A pesquisa se ocupou de um estudo quantitativo acerca de estudantes que não obtiveram aproveitamento acadêmico em 2013/1, momento em que o estudo foi pensado. Assim, dos 700 discentes desse período, 557 foram possíveis de serem incluídos na investigação. Para realização dessa análise documental (LUDKE; ANDRÉ, 1986), criamos uma ficha orientadora dos dados concernentes às características sumárias encontradas no acervo da PRAE, contemplando características sociodemográficas (idade, naturalidade), do contexto familiar (perdas, separação de pais) e da situação acadêmica (como histórico de notas e outros ligados à instituição) dos alunos. Os dados foram trabalhados por meio dos softwares EPI INFO e SPSS, utilizando-se dos testes estatísticos ANOVA e *Teste-t* para realizar a análise das variáveis em exposição, associando-as ao aproveitamento acadêmico. Neste artigo, apresentamos uma tabela em que tais associações foram consideradas significativas para as variáveis que apresentaram p -valor $\leq 0,05$.

Medir sob este enfoque passa por encontrar os pontos de fissuras, sobretudo numa direção ético-política que possibilita um jogo de forças no campo problemático (CÉSAR; SILVA; BICALHO, 2014). Na perspectiva cartográfica, realizar um levantamento de dados, menos que esquadrihar verdades, engendra um plano de inseparabilidade entre formas e forças. Este estudo, portanto, impulsiona-se com os números, mas resiste a eles enquanto formatação do ser, haja vista que o quanti não anula a expressão quali, pois “todo número é original, intensivo, vetorial, em que implica uma diferença de quantidade” (DELEUZE, 2000, p. 377).

Não pretendemos utilizar apenas os dados como fato concreto – ou como uma realidade verdadeira –, mas sim como um *quantum* de forças subjetivas que poderão ser encontradas no composto objetivo da tabela. A potência que esse levantamento poderá imprimir está no aproximar a educação de um cenário em construção, e que se transforma a cada dia. Assim, mais do que produzir elementos numéricos, é dar a pensar articulações entre efeitos e estratégias, considerando, sobremaneira, os movimentos caleidoscópicos que os estudantes vivem, em meio às transformações de um contexto do ensino superior.

Transformações estas que ganham voz à medida que deflagram as dificuldades enfrentadas para além de uma epistemologia da aprendizagem ou que se remeta apenas aos critérios de avaliação dos diversos cursos de graduação que vêm sendo criados.

Nossa intenção é fazer emergir intempestivas expressões de um virtual que se atualiza no mundo das criações de um ser estudante universitário na contemporaneidade, em um processo de devir. Exploramos, desse modo, graus de transversalidade no método cartográfico, o qual não pressupõe um modelo a ser seguido, mas fomenta seu fazer em rigor científico, ética e prudência. Tedesco, Sade e Caliman (2014) afirmam que, na cartografia enquanto método, delineiam-se três pistas, quais sejam: *acompanhar processos*, em que metas e análises ocorrem durante e desde o início de sua realização, capturando momentos de mudanças; *catalisar instantes de passagens e conhecer acontecimentos disruptivos*, na abertura que é produzida no plano coletivo de forças que acolhem intensidades e potência de criação; *articular as duas pistas anteriores* para pensar nos processos e nas transformações que consistem em potências de vida. A análise, dessa forma, está no meio, no *entre* modos subjetivos discentes e suas pistas enunciadas por documentos, expressões de um devir que deflagram transformações constantes no mundo universitário.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As diferenças de quantidades perpassam a qualidade que compõe os modos de vida dos discentes. Contornos provisórios que ganham forma e sentido, reverberando-se e reinventando-se. Movimentos que podem afirmar potência de vida, de que algo se passa, não está estaque. Um furor da existência que amplifica os efeitos da ação no processo de ser e de aprender. Como pano de fundo, a complexidade constitutiva do não aproveitamento, pois o mesmo pode ser atravessado por fatores de naturezas distintas. Nessa perspectiva, movimentar-se na medida em que se encontram elementos, os quais, sem a pretensão de comunicar generalidades, desenham relevos.

Nas paisagens que foram avistadas de uma análise documental, onde os documentos foram como retratos que denunciavam condições de ser e estar, por entre históricos acadêmicos que traziam singularidades – baixas notas, infrequências, reopções de graduações, trancamentos de cursos acadêmicos –, pulsava uma ideia de que tudo isso desenhava muito mais processos subjetivos pelos quais o aluno estava enfrentando que um não aprendizado. No acervo da instituição também encontramos histórias para contar, cartas que pediam uma segunda chance na permanência das bolsas, situações do contexto familiar, processos de

adoecimentos, atestados médicos e acompanhamentos psicológicos. Adoecimento este que se remetia a um estado de coisas e de desterritorializações.

Conjugamos alguns resultados deste levantamento com outros estudos publicados, entre eles, duas pesquisas que foram realizadas no mesmo *locus*. A primeira trata de uma investigação qualitativa acerca do sofrimento psíquico dos discentes atendidos pelo serviço de psicologia da Instituição, entre 2008 e 2012 (SCHNORR; RODRIGUES; OSÓRIO, 2014). E a segunda, realizada pela própria PRAE, revela o perfil sociodemográfico e de hábitos relacionados à qualidade de vida dos moradores da casa do estudante da instituição (NONTICURI, et al., 2014). Destas, desdobram-se referenciais de artigos que encontramos sobre a vida acadêmica, e evidenciamos a busca nos anais da Anped (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), no período dos últimos anos⁴ de 2011 a 2013, de artigos que contemplassem, em seu título, as palavras “universidade” ou “universitários” ou que fizessem menção ao ensino superior.

Em meio aos resultados da presente investigação vemos, conforme tabela 1 das variáveis que se relacionaram com aproveitamento acadêmico, a predominância, entre os estudantes, da faixa etária entre 20 e 23 anos, conjugando com outros achados, como em Schnorr, Rodrigues e Osório (2014); Nonticuri et al. (2014) e, Oliveira e Fernandes (2013), em que a média de idade circunda os 23 anos. Assim, embora as menores médias tenham sido encontradas nos discentes que estavam entre 30 e 57 anos, este estudo voltou-se para a compreensão do ser jovem, e sua trajetória acadêmica em um contexto social-histórico da Universidade que vem sofrendo mudanças. Carrano (2009) menciona que o termo “juventude” compreende a população entre 15 e 29 anos, descrevendo estudos sobre a complexidade que enseja a questão: “Quando alguém deixa de ser jovem e atinge a vida adulta”? (ibidem, p. 3).

Outros estudos sobre jovens englobam, por exemplo, os 34 anos, de modo a entender a dinâmica social daquele que prolonga a juventude por não encontrar meios socioeconômicos para a vida adulta. Se, por um lado, há manutenção de vínculos de dependência material e afetiva para que esta fase seja alargada, por outro, fluxos de vida buscam autonomia. Ultrapassando os limites norteadores que descrevem juventude em termos cronológicos, problematizamos o que pode estar constituindo o ser jovem nos dias de hoje, seus guetos, narcisismos, vazios, seus modos de ser na era tecnológica, lutas e passividades. Subjetivações de um ser jovem que busca liberdade, possibilidades de escolhas, responsabilidades e consequências implicadas a partir daí, são deflagradas de enunciações de singularidades dos

⁴ A escolha pela Anped deve-se por se tratar de uma referência em termos de publicação em Educação no Brasil, e a opção pelos últimos anos, deve-se ao fato de as mudanças de ingresso na Universidade serem recentes.

dados encontrados. Marcar a juventude por intermédio do aspecto geracional e cronológico seria reduzi-la a um caráter identitário. Para além de uma concepção de produção de subjetividade que consista em “regulamentar a passagem de uma faixa etária para a outra, através de sistemas de iniciação” (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 37), percebemos que as subjetivações vão diferenciando os seres, suas descontinuidades históricas e suas mudanças. Desse modo, não se trata, portanto, de generalizações que estratifiquem os papéis que os jovens devam assumir, mas, sim, de um *socius* em que as singularidades sejam consideradas.

Tabela 1 Variáveis que apresentaram associação significativa com o aproveitamento acadêmico dos alunos bolsistas da PRAE/UFPel

Variáveis	N (%)	Média de aproveitamento em 2013/1	p-valor
Idade (n=557)*			0,012
16 a 19 anos	129(23,2)	39,2 (21,8)	
20 a 23 anos	221(39,7)	35,7 (24,5)	
24 a 29 anos	137(24,6)	30,8 (24,8)	
30 a 57 anos	70 (12,6)	29,6 (28,3)	
Naturalidade			0,020
Pelotas	290(52,0)	31,7 (25,0)	
Outras cidades do RS**	206(36,9)	38,0 (23,6)	
Outros estados	60 (10,8)	36,7 (25,4)	
Outros países	02 (0,4)	12,5 (17,8)	
Estado Civil (n=546)*			0,031
Solteiro(a)	495(89,0)	35,4 (24,1)	
Casado(a) ou vivem com companheiro(a)	55 (9,9)	26,2 (28,4)	
Separado(a) ou divorciado(a)	6 (1,1)	32,0 (29,5)	
Tem filhos (n=546)*			0,005
Não			
Sim	485(87,2)	35,8 (24,2)	
	71 (12,8)	26,1 (27,2)	
Acompanhamento Psicológico			0,025
Não	498(89,4)	35,3 (24,5)	
Sim	59 (10,6)	27,2 (25,2)	

*variáveis com missing

** (RS) Rio Grande do Sul

Fonte: Autora, 2014.

Quanto à naturalidade, os alunos apresentaram médias do aproveitamento de 2013/1 significativamente diferentes entre as categorias, configurando as menores médias entre os estrangeiros. Contudo, a segunda menor média, e o número mais expressivo, são alunos da cidade-sede da Universidade, o que refutaria a hipótese de que dificuldades insurgem com mais frequência entre os que são de outros lugares, exigindo um suposto maior esforço de adaptação ao novo território. Isto revelaria que, para além de sua cidade de origem, seria inerente, ao contexto estudantil, um processo de absorver outra realidade vivida no ambiente

acadêmico. Uma aprendizagem em meio à existência que produz subjetivações com a possibilidade de invenção, em uma adaptação que se configure ativa com o meio (KASTRUP, 2007; GUATTARI, 2012).

Percebemos em César, Silva e Bicalho (2014), a possibilidade de ação que inclui um *quantum* de força entendido como poder de transformação, o qual perpassa por entre as formas de se constituir estudante imbricado em suas relações. Nesse sentido, embora a grande maioria dos discentes fosse solteira, a menor média encontrava-se entre os casados ou que viviam com algum companheiro. Conjugando-se ao fato de terem filhos, a média menor era a de alunos que os tinham e, somando-se ao da idade, desvela-se que, apesar das dificuldades intrínsecas ao ser jovem, estudar, na vida adulta, com família constituída, talvez interpele singularidades e diferenças. Por outro lado, se ter filhos denuncia um menor aproveitamento, como 485 alunos (comparados aos 71 com filhos) expressam mesma condição de não aproveitamento, sem ter que se ocupar de cuidar de outrem? Um arranjo de quantidades de forças e formas ganha dimensões subjetivas provisórias.

Verificamos que o sofrimento psíquico abre suas portas no mundo discente, destacando-se diferenças significativas do aproveitamento de 2013/1 entre ter ou não acompanhamento psicológico. Tal fato indicaria que, quando o aluno chega a tal serviço, algo já poderia estar transbordando. Assim como nas pesquisas de Schnorr, Rodrigues e Osório (2014), Zago (2006) e Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005), encontramos o sofrimento psíquico em universitários, configurados pela presença da depressão, ansiedade, estresse emocional ligado à falta de confiança na capacidade de desempenho, desencadeamento de distúrbios psicossomáticos, em intensidade que produz o adoecimento. Isto, somando-se às complicações na concentração e na adaptação, à carga excessiva de alguns cursos, à natureza subjetiva que coloca os alunos em contato com questões como morte e doença, assim como dúvidas sobre sua sexualidade, impasses nos relacionamentos afetivos e em sua nova vida (SILVA, et al., 2011; VALLILO, et al., 2011) recrudescem o mal-estar discente em sua formação. Essas características também se encontram demonstradas em Nonticuri et al. (2014), por exemplo, em que 38% dos moradores da casa do estudante da mesma Universidade descrevem sofrer influência emocional em suas tarefas e 50% não se percebem com boa saúde.

Contudo, nos meandros dessa discussão, sentimos algo de potência de vida exalando pelos poros do aprendiz, onde se aguça o desejo de se despojar de algo pré-concebido e perfurar o tecido estudantil de modo a encontrar as subjetivações que também desdobrem vitalidade, “devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossíveis” (DELEUZE, 2013,

p. 14). No horizonte das contingências e variações de intensidade no ambiente universitário, desvelam-se modos provisórios de existência em vias de se transformar. Outros contornos se perfilam à medida que novas subjetivações são exploradas, em um processo incessante de se inventariar, de traçar linhas de fuga, de maneira que seja conhecida de todos “a perturbação que sofre o estudante ao chegar ao kafkiano mundo da Universidade. Sabemos quantos padecimentos ele terá para superar todos os tipos de dificuldades e inibições” (GUATTARI, 2004, p. 97).

Para além da compreensão de um conjunto, afirma Guattari (2004, p. 87), encontramos a possibilidade de articular tais fronteiras de forma mais fluida e flexível. As subjetivações discentes deflagraram sofrimento psíquico em relações a vivências como separação de pais [34,5% eram filhos de pais separados] e apresentaram morte significativa na família [19,5%], sobretudo aquelas que levavam a pensar sobre as experiências difíceis de elaboração na vida dos estudantes e sua indissolubilidade à aprendizagem. As inúmeras mudanças por que passa o estudante, seja de cidade, seja de condição social e econômica, além dos atravessamentos emocionais e do próprio ambiente universitário que lhe confere constante ajustamento, podem fazer com que manifeste impedimentos mais significativos em seu aproveitamento acadêmico no início do curso [57,2% estavam entre o 1º e o 3º semestre]. Isto pode revelar a importância na fase de adaptação, seja por questões pessoais, seja por fatores acadêmicos, podendo surgir vulnerabilidade emocional pelo esforço que esta situação requer, além de poder mobilizar disposições psíquicas pré-existentes “pela sobrecarga dos alunos que conseguiram ingressar na universidade sem base” (CERCHIARI, CAETANO, FACCENDA, 2005, p. 418).

Nessa direção, “a ‘falta de base’ do aluno pode levar a reprovações sucessivas em determinadas disciplinas e, muitas vezes, ao abandono do curso” (ADACHI, 2009, p. 31), sendo o desempenho acadêmico um preditor da permanência do aluno na universidade. Observamos, então, que a interface subjetiva da aprendizagem encontrava-se também ao longo do curso, sendo a menor média (32,7% em 2013/1) entre aqueles estudantes que estavam entre o quarto e sexto semestre. Conforme Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005, p. 416), “na medida em que o acadêmico permanece na universidade há um aumento da tensão ou estresse psíquico, distúrbios psicossomáticos”, o que demonstraria a diminuição da saúde mental.

Os modos de subjetivação nesse estudo são vistos, então, como um processo de constituição da subjetividade, em suas possibilidades de desvio e reapropriação. As possibilidades singulares de aprender e maneiras de existir inaugurais embatem no muro da subjetividade estudantil. “Ora os devires são absorvidos por esse muro, ora sofrem

verdadeiros fenômenos de implosão” (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 59), envolvendo a sensibilidade, procurando dar conta de um movimento involutivo, que corresponda à “dessubjetivação, que é condição para que os processos de subjetividade se mantenham em curso” (KASTRUP, 2005, p. 1276). Às formas que esquadrinham ou modelam a existência, pode insurgir uma pequena irregularidade para um agenciamento que intente “fugir” de estratificações do aluno em seus modos de ser e estar no mundo. Rompendo barreiras, dando novas dimensões para rijos critérios de avaliação acadêmica e perpassando pela diversidade que o tempo contemporâneo traz à vida estudantil, onde “fugir não é absolutamente renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga” (ZOURABICHVILI, 2004, p. 47). Isto seria mencionar a possibilidade de pensar acerca da coabitação de mundos, de muitas universidades dentro de uma Universidade, suas linhas de escape, suas resistências e revoluções, assim como suas formas de manutenção de um *status quo*, em que se intente escavar brechas que sirvam de um respiradouro para a existência e para um aprender. A subjetividade não se remete à centralização no indivíduo-estudante, mas à produção que acontece em meio aos encontros que se vive com o outro, o qual pode ser o social, a natureza, as invenções, aquilo que cria efeitos nas maneiras de viver. A “aprendizagem surge como processo de produção de subjetividade, como invenção de si” (KASTRUP, 2005, p. 1277), sobretudo em mutualidade à invenção do próprio mundo.

Isto dá a ver as teias de relações que o aluno tece a cada instante, constituindo-se de uma construção coletiva que emite e acolhe elementos heterogêneos. Logo, a heterogeneidade do contexto social em que o estudante universitário vive, como seus diferentes tipos de moradia, modos variados de composição familiar, geografias distintas, ganham singularidades nas expressões transversalizadas pelas suas subjetivações que se circunscrevem em seu aprender em meio à vida. Permanentes abandonos e modificações dos jeitos de ser discente, entre suas misturas e linhas de fuga dão movimento às suas experiências. Dessa forma, a análise documental não se remete à modelização subjetiva em meio ao baixo aproveitamento acadêmico e sim àquilo que lhe escapa, como, por exemplo, um elevado índice de infrequência no semestre estudado (61%), o que, em parte, justificado em documentos, deflagra contingências existências.

Os devires estudantis desafiam o modelo do instituído pelos rijos critérios de avaliação das universidades, arrastam as subjetividades para o agenciamento de fluxos heterogêneos em que outros territórios vão se formando, fazendo emergir uma diferença. É claro que também

existe um modelo, o da reconhecimento: é uma mesa, é um vaso, boa noite *Teeteto*⁵. Objetos que podem ser vistos, lembrados, tocados, concebidos com o mero exercício concordante das faculdades, tais como a memória e a inteligência (DELEUZE, 2000). Contudo, no contexto do aproveitamento acadêmico, é possível perceber que os alunos podem traçar desterritorializações que se distanciam do aspecto representacional de aprender que busca soluções para problemas já dados, e, em um campo imanente, criar suas próprias questões, dando a ver uma aprendizagem que passa pela invenção de si e do mundo (KASTRUP, 2007). Os devires, nessa direção, desenham possibilidades abertas às transformações que os alunos engendram em suas vidas. Eles podem “chegar a buracos, microintervalos entre as matérias, cores e sons, onde se precipitam as linhas de fuga, linhas do mundo, linhas de transparência e de secção” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 80).

Relevos surgem daí como singularidades que transversalizam seus mundos, revelando potências de vida, quando, dos 16 alunos, partícipes deste estudo e moradores da casa do estudante, apresentaram as maiores médias (40,6%) no período investigado, quando comparados aos que moravam sozinhos (34,6%) ou com família (33,5%). O que está em jogo não são, portanto, as identidades ou estratificações de papéis que codificam destinos para adaptar os alunos às finalidades universais de uma graduação, mas, sim, o respeito às singularidades (GUATTARI, 2012).

Fundamentamos que a relação entre subjetividade e o mundo, segundo Rolnik (2002) circunscreve-se além de domínios psicológicos, em suas relações com memória, percepções, sentimentos ou mesmo a inteligência, mas perpassa por outra dimensão, a de um corpo vibrátil. Um corpo que se vê impossibilitado de assistir às aulas, com bloqueios ao ato de estudar, ou ainda um corpo que, ao funcionar como máquina na engrenagem junto ao *socius*, à família, à educação, aos elementos fabricados por mídias. Há, pois, a interação de instâncias, quais sejam máquinas de expressão extraindividual (sistemas sociais, tecnológicos, econômicos) e infrapessoal (percepção, sensibilidades). Desse modo, quando antigas territorialidades, tais como “o corpo, a família, o espaço doméstico, as relações de vizinhança, de faixa etária, etc. – são ameaçadas por um movimento geral de desterritorialização, procedemos à recriação artificial destas mesmas territorialidades” (GUATTARI, 1985, p. 65). Uma juventude maquínica, em que seus corpos voláteis e devires dão a ver “movimentos de

⁵ Deleuze em *Diferença e Repetição* faz referência ao *Teeteto* da obra de Platão, enunciando o pensamento preso ao modelo da reconhecimento, que o torna inativo. “O pensamento é aí preenchido apenas por uma imagem de si mesmo, imagem em que ele se reconhece tanto melhor quanto ele reconhece as coisas” (DELEUZE, 2000, p. 239).

revolta em diferentes autonomias” (ibidem, p. 57), impugnando heterogeneidades que abraçam a juventude.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perfazendo um mapeamento aberto e inacabado, problematizamos que conhecer parte das contingências impeditivas do aprender permite pensar que o dado quantitativo revelado pelo não aproveitamento, não emite um signo por si isoladamente e não denuncia uma dificuldade de aprendizagem propriamente dita e indelével. Sob a concepção de um baixo desempenho acadêmico descortinam-se modos provisórios que contornam a vida estudantil, reverberando subjetivações que se tornam obstáculos em seu percurso. Se aprender, como afirma Kastrup (2007), passa por fazer bifurcar e diferenciar a cognição, a política da invenção mantém o aprender sempre em curso, por meio de agenciamento e aberta ao devir. Nesse sentido, não se pode dizer que o discente universitário não passou por aprendizagens por ter atingido um percentual abaixo de 70% no aproveitamento acadêmico.

E, uma vez que a concepção de aprender passa pela invenção, abraçando toda uma vida, seria demasiado representativo promulgar uma identidade ao aluno como aquele que tem dificuldades, pois “aprender a aprender é, então, também paradoxalmente, aprender a desaprender” (ibidem, p. 225). Uma aprendizagem que dê lugar à inventividade em um movimento diferencial do pensamento, conduzindo, involuntariamente, as faculdades mentais à disjunção de elevá-las ao encontro com os signos que dão a ver a invenção de problemas (DELEUZE, 2000; 2010) e, não mais busca de soluções de problemas dados a priori. O modo como os jovens estudantes vêm se constituindo obedece a um fluxo processual de afecções, transfigurando em forma de dados quantitativos que emanam forças quali, rompendo com certas estruturas pré-moldadas onde os corpos-aprendizes subjazem passivos pelo não aproveitamento, rotulados pelo sofrimento psíquico [depressão, ansiedade] ou por um processo de adaptação em amplo espectro: à Universidade, à nova vida. O que se forma é processo de constituir e desconstruir estereótipos. O cansaço, as dificuldades da vida estudantil coabitam mundos que revigoram a capacidade de uma contínua formação. Mergulhar nos possíveis modos de ser e aprender dos jovens universitários perpassa pelo seu cotidiano, circunscreve-se pelas subjetivações que o impulsionam.

Multiplicidades de sentidos, por vezes, deixam o jovem perdido e vulnerável, produzindo *subjetivações* que o engessam em um aprender recognitivo (DELEUZE, 2000); *subjetivações* que clamam por desterritorializações que tracem algo novo, escapando de uma

aprendizagem marcada pela reprodução do idêntico (ibidem); *subjetivações* que se ritornelam, movimentos contínuos que se diferenciam na mínima repetição que enseje uma variação, onde subjaz uma diferença (ibidem). Elas se cruzam, coexistem, convivem com um *socius*, não cessam de se transformar. Mudanças na Educação que transcorrem por um viés sociopolítico, como a ampliação de cursos sem, necessariamente, um aumento nas condições de acolher os alunos em uma diversidade de dimensões; assim como a inserção do coletivo que integra a instituição educacional atravessado por subjetivações de um mundo contemporâneo.

Ao perfilar por dados, possíveis modos dos estudantes estarem se constituindo, percebemos que saltar desse trampolim quantitativo se compõe a um quantum de forças que nos lançam ao ambiente do universitário para além de caminhos retilíneos de ações no contexto educacional. Frente às transformações no cenário de ingresso ao ensino superior e seus subsequentes impactos, como aumento da população acadêmica e da diversidade sociocultural, emerge a necessidade de outras práticas em Educação, perfazendo do aprender discente, cadências subjetivas que o impulsionem à inventividade.

Assim, poderemos pensar outros modos de se fazer Educação, na perspectiva que “acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volumes reduzidos” (DELEUZE, 2013, p. 222). Isso nos remete a possibilidade de construir a possibilidade de pensar um aprender pelo viés filosófico, que passe pela invenção de outros modos de existência que deem conta das demandas estudantis no ambiente da Universidade.

REFERÊNCIAS

ADACHI, Ana Amélia Chaves Teixeira. **Evasão e evadidos nos cursos de graduação da Universidade Federal de Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado em Educação). Belo Horizonte, Programa de Pós-graduação em Educação. Faculdade de Educação, UFMG, 2009. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/HJPB-7UPMBA>> Acesso em: 02 jan. 2015.

BARROS, Laura Pozzana; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2014, 52-75.

CARRANO, Paulo. Jovens, escolas e cidades: entre diversidades, desigualdades e desafios à convivência. Comunicação em: **II Colóquio Luso-Brasileiro de Sociologia da educação**. Porto Alegre, 2009.

CÉSAR, Janaína Mariano; SILVA, Fábio Hebert da; BICALHO, Pedro Paulo Gastalho de. O lugar do quantitativo na pesquisa cartográfica. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (Orgs). **Pistas do método da cartografia**: a experiência da pesquisa e o plano comum. v.2. Porto Alegre: Sulina, 2014, 153-174.

CHERCHIARI, Edinéia A.N., CAETANO, Dorgival, FACCENDA, Odival. Prevalência de transtornos menores em estudantes universitários. **Estudos de Psicologia**. Natal, v. 10, n. 3, p. 413-420, 2005.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Editora 34, 2013.

_____. **Diferença e Repetição**. Lisboa: Relógio D'Água, 2000.

_____. **Proust e os signos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v. 4. Tradução de Suely Rolnik. v. 4. São Paulo: Ed 34, 2012.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____. **Psicanálise e Transversalidade**: ensaios de análise institucional. São Paulo: Ideias & Letras, 2004.

_____. **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 12ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

KASTRUP, Virgínia. Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre. **Educ. Soc.** Campinas, v.26, n. 93, p. 1273-1288, set/dez.2005.

_____. **A invenção de si e do mundo**: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LUDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E. D. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU; 1986.

NONTICURI, Amélia Rodrigues, SCHRAMM, Renata Carpena, SOUZA, Juliana Antunes, OSÓRIO, Lisandra Berni, KUNRATH, Romério Jair, RODRIGUES, Carla Gonçalves. Estímulo à aprendizagem mediante a promoção da saúde dos alunos da UFPel: uma tarefa transdisciplinar. XVI ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Pelotas, Brasil. **Anais eletrônicos**.. ENPOS, Pelotas, 2014. p. 1-4. Disponível em: <http://cti.ufpel.edu.br/cic/arquivos/2014/CH_01422.pdf>. Acesso em: dez. 2014.

OLIVEIRA, Maísa Aparecida, FERNANDES, Maria Cristina S.G. A atividade discente na universidade: caracterização dos estudantes e impactos da produtividade acadêmica. REUNIÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 36,

2013. **Anais eletrônicos...**ANPED, Goiânia, Brasil, 2013, p. 1-15. Disponível em: <http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt14_trabalhos_pdfs/gt14_2874_texto.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2014.

PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2014.

ROLNIK, Suely. Subjetividade em obra: Lygia Clark artista contemporânea. In: LINS, D., GADELHA, S. (orgs). **Nietzsche e Deleuze**: o que pode o corpo. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de cultura e desporto, p. 269-279, 2002.

_____. **Uma terapêutica para tempos desprovidos de poesia**. Núcleo de estudos sobre subjetividade. São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm>> Acesso em: 30 jun. 2014.

SANTIN, Andrea C. A., CUNHA, Patrícia R. C. Políticas públicas de educação no ensino superior: a implementação do programa Reuni e do Sisu na Universidade Federal de Pelotas. XIV ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, 2012, Pelotas, Brasil. **Anais eletrônicos...** ENPOS, Pelotas, 2012. p.1-4. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/enpos/2012/anais/pdf/CH/CH_00653.pdf> Acesso em: jun. 2014.

SCHÉRER, René. Aprender em Deleuze. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1183-1194, Set./Dez. 2005

SCHNORR, Tainá Molina, RODRIGUES, Carla Gonçalves, OSÓRIO, Lisandra Berni. Investigação do sofrimento psíquico. In: XXIII CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, 2014, Pelotas, Brasil. **Anais eletrônicos...** CIC, Pelotas, 2014. p. 1-4. Disponível em: <http://cti.ufpel.edu.br/cic/arquivos/2014/CH_00698.pdf>. Acesso em: nov. 2014.

SILVA, Vânea L. dos S.; CHIQUITO, Natália do C.; ANDRADE, Rosemere Antônia P. de O.; BRITO, Maria de Fátima de F. P.; CAMELO, Silvia Helena H. Fatores de estresse no último ano do curso de graduação em enfermagem: percepção dos estudantes. **Revista de Enfermagem**, UERJ, v. 19, n. 1, p. 121-6, 2011.

TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. In: PASSOS, E.; KASTRUP V.; TEDESCO, S. (Orgs). **Pistas do Método da cartografia**: a experiência da pesquisa e o plano comum. v. 2, Porto Alegre: Sulina, 2014, 92-127.

VALLILO, Nathália G.; JÚNIOR, Roberto D.; GOBBO, Rafael; NOVO, Neil F.; HÜBNER, Carlos V. K. Prevalência de sintomas depressivos em estudantes de medicina. **Revista Brasileira de Clínica Médica**, v. 9, n. 1, p. 36-41, 2011.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Rev. Bras. de Educ.** (Rio de Janeiro). 2006; v. 11, n. 32, p. 226-237.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Tradução Telles, A. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://claudioulpiano.org.br.s87743.gridserver.com/wp-content/uploads/2010/05/deleuze-vocabulario-francois-zourabichvili1.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2014.